Urdimento

REVISTA DE ESTUDOS EM ARTES CÊNICAS
E-ISSN 2358.6958

O que (não) é autoficção?: corpos que escrevem na pesquisa em educação, linguagem e teatralidades

Jean Carlos Gonçalves

Para citar este artigo:

GONÇALVES, Jean Carlos. O que (não) é autoficção?: corpos que escrevem na pesquisa em educação, linguagem e teatralidades. **Urdimento** – Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 4, n. 53, dez. 2024.

DOI: 10.5965/1414573104532024e0101

Este artigo passou pelo *Plagiarism Detection Software* | iThenticate

A Urdimento esta licenciada com: Licença de Atribuição Creative Commons – (CC BY 4.0)

O que (não) é autoficção?[1]: corpos que escrevem na pesquisa em educação, linguagem e teatralidades[2]

Jean Carlos Gonçalves[3]

Resumo

O artigo apresenta algumas tentativas de negação ou interrogação, que possam mobilizar a questão: *o que (não) é autoficção*? Considerando que nos campos de pesquisa em educação, linguagem e teatralidades os exercícios de escrita são sempre atravessados e vinculados aos corpos de seus autores, o artigo defende a ideia de que a autoficção no universo acadêmico se quer e deve ser móvel, deslizante, errônea, inclassificável e imprevisível, assim como os corpos que a escrevem. Sem o intuito de se constituir enquanto panorama dos estudos nas áreas correlacionadas, o trabalho é de caráter ensaístico-bibliográfico e encontra em Bakhtin e o Círculo sua principal ancoragem teórica.

Palavras-chave: Autoficção. Corpo. Escrita. Bakhtin e o Círculo.

What is (not) autofiction?: bodies that write in research on education, language and theatricalities

Abstract

The article presents some attempts at denial or interrogation, which may raise the question: what (isn't) autofiction? Considering that in the fields of research in education, language and theatricality, writing exercises are always crossed and linked to the bodies of their authors, the article defends the idea that autofiction in the academic universe wants and should be mobile, sliding, erroneous, unclassifiable and unpredictable, just like the bodies that write it. Without the intention of constituting itself as a panorama of studies in related areas, the work is of an essayistic-bibliographical nature and finds its main theoretical anchor in Bakhtin and the Circle.

Keywords: Autofiction. Body. Writing. Bakhtin and the Circle.

¿Qué es (no) autoficción?: cuerpos que escriben en investigaciones sobre educación, lenguaje y teatralidades

Resumen

El artículo presenta algunos intentos de negación o interrogatorio, que pueden plantear la pregunta: ¿qué (no es) autoficción? Considerando que en los campos de investigación en educación, lenguaje y teatralidad, los ejercicios de escritura están siempre cruzados y vinculados a los cuerpos de sus autores, el artículo defiende la idea de que la autoficción en el universo académico quiere y debe ser móvil, deslizante, errónea, inclasificable. e impredecible, como los cuerpos que lo escriben. Sin ánimo de constituirse como un panorama de estudios en áreas afines, la obra es de carácter ensayístico-bibliográfico y encuentra su principal anclaje teórico en Bajtín y el Círculo.

Palabras clave: Autoficción. Cuerpo. Escribiendo. Bajtin y el círculo.

1 Revisão ortográfica e gramatical do artigo realizada por Fagner Gomes do Nascimento. Doutorando em Letras (FURG). Graduado em Letras – Inglês e Português pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA).
fagnernascimento01@yahoo.com.br

2 Trabalho realizado com o apoio do CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

3 Pós-doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP/CNPq). Doutor em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Mestre em Educação pela Universidade Regional de Blumenau (FURB/CAPES). Licenciatura e Bacharelado em Teatro pela FURB. Professor do Departamento de Teoria e Prática de Ensino da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Atua no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFPR) e no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGLetras/UFPR). Pesquisador com bolsa de Produtividade em Pesquisa do CNPq.
jeancarllosgoncalves@gmail.com
http://lattes.cnpq.br/8274122800491884 https://orcid.org/0000-0003-2826-3366

Introdução: Um eu que (nem) sempre sou eu?

> Nenhuma memória é completa ou fiável.
> As lembranças são histórias que contamos
> a nós mesmos, nas quais se misturam,
> sabemos bem disso hoje, falsas lembranças,
> lembranças encobridoras, lembranças
> truncadas ou remanejadas segundo as
> necessidades da causa.
> [...] Cada escritor de hoje deve encontrar, ou
> antes, inventar sua própria escrita dessa
> nova percepção de si que é a nossa.
> De todo modo, reinventamos nossa vida
> quando a rememoramos.
> (Doubrovsky, 2014, p. 121-124)

Ontem resolvi levar meus filhos a uma pista de skate, aqui em Curitiba, onde moramos. Era uma segunda-feira chuvosa e fria, dessa cidade tão cinza quanto as ruas do centro recém asfaltadas por conta do ano político. Coloquei um tênis adequado à pista e à prática esportiva, um boné preto de aba reta, uma calça e uma camiseta do estilo regata, ambas largas e confortáveis, tudo para garantir uma imagem minimamente próxima de uma personagem que não sou: um skatista. Do mesmo modo, meus filhos se vestiram como pequenas skatistazinhos e, cheios de marra, chegaram à pista como se isso fizesse parte de suas rotinas.

Não, não sou um skatista. Nem meus filhos são.

Somos skatistas, a depender do ponto de vista, de quem me vê, me analisa, me devora com olhares, curiosidades, suposições. Invento-me como personagem não só a partir do meu figurino. Ao vestir-me de skatista, porém, reorganizo posturas, modos de agir, gestos, dizeres, intencionalidades... Será?

Tentemos um novo jeito de narrar o fato.

Ontem, segunda-feira, meus filhos saíram da escola pedindo que eu os levasse a uma pista de skate. Como estava chovendo demais, relutei um pouco, mas acabei cedendo. Ao chegarmos em casa, rapidamente comemos algo e trocamos de roupa. Por conta da chuvarada, além dos skates, que estavam sendo carregados com alguma dificuldade, portávamos um guarda-chuvas verde e um

preto com vermelho. Nos sentimos, enquanto íamos do estacionamento à pista, dentro de um filme. *Dançando na chuva*, talvez. Mesmo com todos os cuidados, percebemos que era inevitável pisar nas poças de água formadas nas calçadas irregulares da cidade. Então resolvemos assumir o B.O. No caminho até a pista de skate, nos tornamos bailarinos de dança contemporânea. Trajados como tal, deixamos que o som da chuva embalasse nossos movimentos, feitos com nossos objetos de cena: os skates e os guarda-chuvas.

Não, não sou um bailarino. Nem meus filhos são.

Sou um bailarino, a depender do ponto de vista, de quem me vê, me analisa, me devora com olhares, curiosidades, suposições. Invento-me como personagem não só a partir do meu figurino. Ao vestir-me, porém, com roupas que um bailarino contemporâneo poderia estar usando, reorganizo posturas, modos de agir, gestos, dizeres, intencionalidades... Será?

Não. Nada disso é truque de escrita criativa, nem mesmo um artifício narrativo para gerar no leitor alguma emoção ou sensação. Não é também um exercício autobiográfico ou a aplicação de alguma metodologia para o trabalho com histórias de vida. Não é, também, a vida narrada a partir de acontecimentos verídicos ou baseados em fatos. Tampouco, a descrição experimental de uma vivência.

Do que estamos falando, afinal?

Objetivo, com esse texto, mobilizar a noção de autoficcção a partir de algumas tentativas de negação ou interrogação. Ao invés de afirmar ou responder *o que é autoficção?*, ofereço-me ao diálogo sobre uma pergunta entremeada por um não, entre parênteses, que ao mesmo tempo é intrigante, justamente por se apresentar de forma descompromissada, já que garante seu lugar fora do sentido da questão, e também provocativo, já que não pode se dar ao direito de ficar invisível diante da indagação que intitula esse artigo: *O que (não) é autoficção*?

Para além da vinculação dessa perspectiva a um (relativamente novo) gênero literário, busco compreender as contribuições do que temos denominado autoficção para a pesquisa em educação, linguagem e teatralidades, campos aos quais venho me dedicando há algum tempo e que formam um tripé bastante

coerente em meus estudos, orientações e projetos de pesquisa. Ao incentivar orientandos e parceiros a se aventurarem na escrita autoficcional em suas pesquisas acadêmicas, encontro, ainda, alguma resistência quanto à composição dos quadros teóricos e metodológicos aos quais trabalhos dessa natureza podem se vincular.

Importa frisar, desde já, que não me parece coerente que uma teoria ou um método possam se configurar enquanto possibilidade suficientemente boa ou eficaz para uma escrita autoficcional. Até mesmo os ensaios que tratam de autoficção como gênero, na literatura, acabam fugindo de categorizações, fórmulas ou filiações rígidas, já que a própria ideia de escrita autoficcional se quer e se pretende (deve ser) móvel, deslizante, errônea, inclassificável, imprevisível, tal como nossos corpos, que escrevem nossos textos-tentativa.

A quem me lê, que possa estar em busca de um caminho para entender melhor a autoficção, compreender seus limites ou suas marcas, posso avisar, com serenidade e tranquilidade, que esse não é o texto ideal. Não chegaremos, juntos, nesse artigo, a uma conclusão ou a uma resposta ao título do ensaio. A quem decidir me acompanhar, mesmo assim, convido a entrar nas próximas linhas e parágrafos sem expectativas, como um skatista que chega na pista para ver no que vai dar, ou como um bailarino de dança contemporânea num dia de chuva, que simplesmente dança.

Sigamos.

A autoficção poderia se constituir como um processo inverso, uma espécie de desaprendizagem proposital daquilo que um dia foi aprendido e apreendido enquanto forma higiênica de se relacionar com o mundo e com os outros. Fui ensinado, um dia, por uma perspectiva cristã, ditatorial e tradicionalista, a contar a verdade, só a verdade e nada mais. Em um mundo onde só a verdade interessa, o que será da verdade inventada, essa que realmente interessa?

Primeira tentativa: a autoficção (não) é uma verdade?

A verdade é, por si só, uma contradição, um dispositivo político de adoecimento dos corpos, a quebra de qualquer possibilidade de invenção. Desse

modo, descarta-se, para todo exercício autoficcional, qualquer compromisso com o que se conhece por verdade, simplesmente porque ela não existe (ela existe, para o sujeito apenas, que diz ser a verdade o que aprendeu ou o que defende). Cabe dizer, ainda, que não me interesso, nesse artigo, por uma discussão filosófica, sociológica ou linguística do termo *verdade,* embora saiba de sua existência e produtividade no contexto acadêmico.

Interesso-me, talvez, porém com certa desconfiança, pela noção de não realidade:

> A particularidade principal do estético, que o diferencia nitidamente do conhecimento e do ato, é o seu caráter receptivo e positivamente acolhedor: a realidade, preexistente ao ato, identificada e avaliada pelo comportamento, entra na obra (mais precisamente, no objeto estético) e torna-se, então um elemento constitutivo indispensável. Nesse sentido, podemos dizer: de fato, a vida não se encontra só fora da arte, mas também nela, no seu interior, em toda plenitude do seu peso axiológico: social, político, cognitivo ou outro que seja (Bakhtin, 2014, p.33).

O atrito entre realidade e ficção não pode, então, ser simplesmente descartado. A fronteira parece, então, se apresentar como uma saída minimamente coerente, já que se entende, no senso comum, a ideia de ficção em sua oposição à ideia de realidade. Pergunto: tudo o que é do campo da ficção não poderia ser real? E o inverso. Tudo o que cabe no universo do que chamamos de realidade deveria ser entendido como matéria não ficcional / não ficcionalizada? Segundo Faedrich (2022, p.41), “A autoficção instaura-se no entre-lugar [...] entre a autobiografia e o romance, entre o fato e a ficção, entre o verdadeiro e o falso, entre o que aconteceu e o que poderia ter acontecido”.

Nesse limiar e, aqui mesmo no processo de investigação teórica e metodológica, estão implicados práticas e discursos que podem ou não ser proferidos/realizados em determinadas esferas de atividade. E a esfera acadêmica é marcada por processos normativos, técnicos e gramaticais dos quais não nos livramos tão facilmente. Como então escrever sobre si, por um viés autoficcional, e fazer com que as dissertações, teses e demais relatórios/produtos de pesquisa se constituam enquanto gênero não necessariamente vinculado ao real? Essa pergunta é intrigante, porque subentende-se, por diferentes prismas, que o produto das pesquisas que desenvolvemos em nossos cursos de graduação,

mestrado e doutorado são textos-relatório, ou seja, que devem dar conta de uma situação de pesquisa vivida e analisada, portanto, de uma realidade.

É necessário que se fale, talvez, de novos modos para se pensar o que é pesquisa, ou mesmo que se questione o entendimento do que é fazer pesquisa e sua função na atualidade. A quem nossos textos-corpo devem atingir? O que queremos, mesmo, ao depositar depois de anos de estudo, nossas publicações em repositórios e bibliotecas on-line? E ainda, o que a escrita desses textos pode causar na gente, em nossos corpos?

Gosto, por exemplo, de pensar que é o corpo quem escreve.

E se o corpo escreve, não se pode ignorar uma boa dose de rebeldia e transgressão (nesse caso, bem-vindas à escrita acadêmica). Estou partindo do pressuposto de que o corpo é rebelde e transgressor sempre, em todas as esferas de atividade, inclusive na escrita acadêmica.

Gosto, por isso, da noção bakhtiniana de *degradação do sublime*, que tomo emprestada da obra *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*, escrita na década de 1940 e publicada na Rússia em 1965:

> [...] quando se degrada, amortalha-se e semeia-se simultaneamente, mata-se e dá-se a vida em seguida, mais e melhor. Degradar significa entrar em comunhão com a vida da parte inferior do corpo, a do ventre e dos órgãos genitais e, portanto, com atos como o coito, a concepção, a gravidez, o parto, a absorção de alimentos e a satisfação das necessidades naturais. A degradação cava o túmulo corporal para dar lugar a um novo nascimento. E por isso não tem somente um valor destrutivo, negativo, mas também um positivo, regenerador. É *ambivalente,* ao mesmo tempo negação e afirmação (Bakhtin, 2013, p.19).

Embora o verbo *degradar* pareça, de início, forte demais para tudo o que é canônico, sua (in)adequação é totalmente justificada quando o que se quer com a pesquisa acadêmica é mais do que a reprodução de modelos instaurados, históricos e tradicionais. Quando estamos diante de um esgotamento de processos teóricos e metodológicos, que já se mostram, de alguma forma, ultrapassados e com pouco diálogo com a contemporaneidade, faz-se urgente a pergunta: para quê, mesmo, serve a pesquisa acadêmica em educação, linguagem e teatralidades? Degradar o que conhecemos, o que aprendemos, o que fomos

ensinados a fazer, pode se configurar, então, enquanto uma possibilidade de exercício de outros verbos, um tanto subutilizados nos contextos científicos de educação, linguagem e teatralidades: *inventar, idealizar, fantasiar, imaginar, criar.*

Corpos que escrevem são corpos que inventam, idealizam, fantasiam, imaginam, criam. Mas qual o espaço que a academia tem dado à essa escrita feita com nossos corpos? Temos conseguido escrever, com nossos corpos, por perspectivas de movimento, de dança, de arte? Há espaço, nas feituras de nossas pesquisas de graduação, mestrado, doutorado e pós-doutorado, para que nossos corpos escrevam ancorados na utopia, no amor, no sonho e na esperança?

Escrevemos para quem e sobre quem?

Segunda tentativa: autoficção se escreve com o corpo (ou não)?

Quando eu estava escrevendo o texto *O corpo que pesquisa corpo [Além do Rio Azul]. Um posfácio*, publicado no livro *Corpo e(n)cena: ensaios urgentes* em 2020, me aventurei em um estilo de escrita, muito inspirado pelos tempos pandêmicos, repleto de pausas, quebras e espaços para "contar" de mim ao leitor. Pedaços, fragmentos e rupturas mostravam um Jean "real", que precisava interromper a escrita para atender os filhos, ou para simplesmente respirar:

> Preciso, por exemplo, neste momento, parar de escrever para pegar uma caixa de televisão e transformá-la em um escorregador. Isso é vital, e de fundamental importância para que as crianças, aqui em casa, isoladas, tenham uma tarde mais divertida.
> Compreender as pausas.
> As pausas fazem parte da vida do pesquisador. Logo, lutar contra as pausas pode tornar-se um martírio para o corpo.[...] O corpo do pesquisador precisa de paz. Mas a paz é, muitas vezes, negada pela própria academia. A produtividade exacerbada e calcada em perspectivas egoístas coloca no mesmo barco todos os pesquisadores, avaliando "igualmente" os resultados das pesquisas, sem se importar com o corpo e suas especificidades (tempos, ritmos, interrupções, doenças, cuidados, etc.). Que artefato de tão difícil definição! — o corpo do pesquisador que pesquisa corpo.
> Saber quando retomar (Gonçalves, 2020, p. 219-220).

Esse texto foi fundamental para que eu desenvolvesse, durante a pandemia de Covid-19, um conjunto de novos significados para o meu trabalho docente e tudo o que o envolve, especialmente aquelas atividades relacionadas à escrita. Tive

que aprender a escrever no caos, e nesse processo, passei a testificar um corpo presente no ato da escrita, e não só no movimento dos dedos ao apertar as teclas do computador. Passei a me perguntar, então, sobre o sentido da escrita acadêmica, de uma forma muito profunda, pessoal e íntima. Eu já vinha insistindo, com o grupo de pessoas que oriento, em formas de escrita que pudessem *degradar* o que se sabe ou se estabelece enquanto regra acadêmica para a confecção de bons textos.

O que (não) é um texto acadêmico?

A pergunta acima deve ser tema de um de meus próximos ensaios. Mas, nesse momento, figura aqui como uma dualidade para a qual não se pode dar uma resposta pronta ou fácil. Alguém (talvez a banca, talvez um parecerista) dirá se o nosso produto textual é adequado ou não, validado cientificamente ou não, exemplar ou não. A subjetividade pulsa nos rituais universitários, sabemos. Mas o que fazer com ela?

Poesia e afeto cabem na escrita acadêmica?

> Numa obra poética, as palavras organizam-se, por um lado, no conjunto das orações, do período, do capítulo, do ato, etc., e por outro, constroem o conjunto da aparência do herói, de seu caráter. De sua situação, de seu ambiente, de sua conduta, etc., e, enfim, o conjunto do evento ético da vida, esteticamente formulado e acabado; com isso deixam de ser palavras, proposições, estrofes, capítulos, etc. (Bakhtin, 2014, p.51).

Poderia, então, um autor de autoficção, escrever sem que seu corpo esteja, de algum modo, envolvido e presente no juntar das letras que formam as linhas e parágrafos e compõem a unidade-corpo do seu texto? Escrever uma autoficção como produto acadêmico é lançar-se a uma aventura que não conseguirá se efetivar sem que seu autor esteja totalmente engajado e curioso quanto ao resultado de sua criação. No (des)equilíbrio entre revelar-se e criar uma personagem que escreve sobre si, a autoficção se mostra enquanto gênero imprevisível (ou ao menos mais imprevisível que outros), já que nem mesmo o próprio autor tem diretrizes de enquadramento ou adequação que possam ser seguidas em seu trajeto de criação. Cada autor inventará sua própria autoficção, a partir de suas particularidades, de seus manejos com a palavra, de suas peculiaridades e necessidades de dizer/escrever. No fim das contas, o que quero

(não) afirmar é que a autoficção é uma escrita que só pode ser feita com o corpo.

Corpos que escrevem são, assim, corpos que desencadeiam textos cheios de vida, de encanto, de estesia, de sensibilidade. O apontamento, por alguém externo ao processo autoral, de erros gramaticais, ortográficos, normativos, técnicos, de concordância, parece menor diante da ousadia que se estabelece quando um texto é escrito com o corpo inteiro. É nesse interim que a autoficção pode se constituir enquanto lugar de uma escrita acadêmica outra, porque, em suma, o sujeito autor está escrevendo sobre si, mesmo quando, nesse exercício, insere personagens, cenários e figurinos advindos de camadas imaginativas e não reais, mesmo quando sua própria personagem é fruto de um trabalho performativo/teatralizado.

Escrever, academicamente, em perspectiva autoficcional, é inventar formas de dizer sobre si totalmente descomprometidas com fatos verídicos. Qualquer semelhança com fragmentos da história do autor pode ou não ser mera coincidência e o leitor não precisa nem mesmo fazer esforços para desvendar mistérios. Segundo Faedrich: "O pacto que se estabelece com o leitor não é o autobiográfico, nem o referencial; é o pacto oximórico, próprio da autoficção" (Faedrich, 2022, p. 39)

O acordo de quem escreve é também o acordo de quem lê, o que agiganta a subjetividade, dando à metodologia da investigação acadêmica um caráter ao mesmo tempo ousado e simples: basta que se diga que o texto é produto de uma autoficção, e que se adequem alguns aspectos balizadores do que seu autor entende desse conceito, que jamais será fechado, limitado ou delineado por perspectivas categóricas.

Terceira tentativa: escrever autoficção (não) é um processo?

O presente texto nem de longe se pretende enquanto panorama ou mapeamento dos estudos em autoficção (enquanto gênero literário) encontrados na literatura vigente. Esta seria uma outra missão, já realizada na forma de livro[4]. Aliás a leitura de obras sobre autoficção pode ser de importante valia àqueles

[4] *Ver Ensaios sobre a Autoficção* (Noronha, 2014) e *Teorias da Autoficção* (Faedrich, 2022).

leitores interessados em uma iniciação ao gênero, em compreendê-lo enquanto chave linguística. Aviso, porém, que até o momento, não encontrei escritos que caminham na direção de definir a autoficção enquanto gênero ou conceito, nem mesmo no universo da literatura, o que seria, de algum modo, uma contradição. Pelo contrário, eles expandem possibilidades de compreensão do que pode caber nesse nicho nunca obsoleto, nunca inerte e sempre em expansão.

Pensar a autoficção como potencialidade para a escrita acadêmica, relativamente afastada do universo literário, implica ainda mais cuidado, simplesmente porque não há, até o momento, um número suficiente de trabalhos (teses, dissertações e artigos) realizados nessa perspectiva, que possam atestar sua eficácia ou contribuição a diferentes campos de estudo.

No meu caso, comecei a sentir certa necessidade de um espaço para falar de mim, de minhas angústias, expectativas e frustrações no contexto acadêmico, após um episódio de assalto, sofrido em São Luis – Maranhão, quando da 38ª Reunião Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPEd. Na ocasião, escrevi um texto intitulado *Um assalto em São Luís/MA e outros fatos sobre mim: reflexões bakhtinianas sobre a formação estética do professor*, publicado em 2018 (Gonçalves, 2018). Embora não tenha recorrido, nesse momento, à noção de autoficção, compreendo que este foi um primeiro exercício no qual pude descrever, não com exatidão, mas com alguma pitada de criação e invenção, um fato ocorrido, do âmbito do real, por uma perspectiva que chamei, à época, escrita teatralizada, elaborada na forma de sete pequenas cenas, escritas e analisadas a partir de pressupostos teóricos de cunho bakhtiniano.

Durante a pandemia, além do texto já citado anteriormente (*O corpo que pesquisa corpo*), escrevi o artigo *Espectador-running: recepção e comunicação em tempos de isolamento* (Gonçalves, 2021), no qual relato um processo experimental vivido durante o período de isolamento social, em que me constituo como a personagem espectador-running, ou seja, alguém que assiste a espetáculos teatrais on-line enquanto corre dentro de casa. Ao descrever as ações para, então, analisá-las, me exercitei em uma escrita autoficcional, mesmo sem nomeá-la como autoficção naquele momento.

O gosto por um estilo de escrita que pudesse mesclar realidade, ficção, memória, pessoalidade, invenção e narrativa me levou a escrever, em 2022, com Michelle Bocchi Gonçalves, para o dossiê *Corpo e(n)cena e (des)educação*, desta revista, Urdimento, o artigo *Weapon is a part of my body: Corpo e política em discurso* (Gonçalves; Gonçalves, 2022a). Nesse texto, desenvolvido a partir do espetáculo que intitula o artigo, de Pedro Granato e Ruthie Osterman, pensamos o conceito de (des)educação estética e suas reverberações para os debates sobre corpo e política na cena contemporânea, de modo que o ensaio tivesse atravessamentos da nossa relação (dos autores) com a paternidade e a maternidade que nos constituem. Embora não tenhamos adotado uma escrita autoficcional, a aproximação com a fronteira entre realidade e ficção ficou evidente tanto na descrição da materialidade quanto na própria análise.

Esse percurso com textos mais experimentais, aliado a orientações de teses e dissertações assumidamente autoficcionais acabou desencadeando em mim e, consequentemente, no grupo de estudantes que oriento e supervisiono, um processo de insistência e investimento nesta perspectiva de escrita. Considero que é no texto *Discurso teatral, corpo e educação estética: um passeio de bike autoficcionado*, publicado em 2022 (Gonçalves, 2022b), que consegui me aventurar de forma mais orgânica e, agora, assumida enquanto autoficção. Nele, relato e analiso um passeio de bicicleta, realizado pela personagem *O Ciclista* (eu mesmo), em Curitiba, compreendendo um trecho de 15 quilômetros, percorridos entre os parques Passeio Público e São Lourenço, abordando, por exemplo, aspectos que vão desde minha preparação para sair de casa até a experimentação vivenciada na relação entre corpo e cidade.

Concordo com Bakhtin, para quem:

> [...] o fato e a singularidade puramente fatual não tem o direito à voz; para consegui-lo eles precisam transformar-se em sentido; mas não podem transformar-se em sentido, sem ter adquirido unidade: um significado isolado é um contradicto in adjecto (Bakhtin, 2014, p,16).

Alguém pode me perguntar, então, se existe uma maneira correta ou eficaz para a escrita de um texto autoficcional. Minha resposta só poderia ser uma: não existe. A autoficção não é um gênero com delimitações precisas, e aí está, ao meu

ver, sua preciosidade. Caberá a cada autor alinhavar suas palavras, transformar-se, assim como aos seus outros, em personagem, e transitar entre realidade e ficção para oferecer ao seu público um texto que possa navegar entre pesquisa e criação literária. Por esse motivo destaquei, nesse artigo, o meu próprio processo, compreendendo-o como essencial para que hoje eu possa defender a entrada da autoficção no universo acadêmico. Mas esta é a minha trajetória, e não será, necessariamente assim, com as demais pessoas autoras que quiserem se embrenhar nesse caminho.

Considerações – Autoficção (não) precisa de conclusão?

Não. A não que ser que o corpo que escreve queira concluir.

> Escrevo meu romance. Não uma
> autobiografia, de verdade, coisa
> reservada, clube exclusivo para famosos.
> Para ter direito, é preciso ser alguém [...]
> Não sou ninguém [...].
> Quase nem existo, sou um ser fictício.
> Escrevo minha autoficção [...]
> Desde que transformo minha vida em frases,
> me acho interessante.
> Na medida em que me torno personagem
> de meu romance,
> me apaixono por mim. [...]
> Minha vida fracassada será um sucesso
> literário.
>
> (Doubrovsky, 1990[1982])

Prefiro contar ao leitor que agora meus filhos já se consideram mais skatistas do que antes. Isso se deve ao fato de que foram matriculados em uma escolinha de skate, com duração de três meses. Cada vez que saímos, às terças e quintas de manhã, para a realização das aulas, algo no corpo das crianças muda, e elas vão, assim, se adaptando, entre capacetes, joelheiras e cotoveleiras, à pista aberta e imensa que não pode ser utilizada em dias de chuva. Eu, pai, e bem contente com a personagem *O Pai* que estou criando já há onze anos sem saber bem o que se tornará, vou todo orgulhoso ao Complexo Esportivo do Tarumã, em Curitiba, registrando momentos, que se transformam, para além do afago na memória, em

fotografias e vídeos que voam para as nuvens digitais. Ali sou outro, um *transformer* que esquece, por um tempo, da vida intelectual, das teorias, das orientações e até mesmo que ao fim do dia possa merecer uma taça de vinho ao lado de sua companheira, no conforto do lar.

Mas um fato interessante é que, ao escrever, agora, aqui, posso ter autoficcionado a finalização desse texto. As coisas podem não ser bem desse jeito, como descritas. Talvez eu esteja criando, com meu corpo, um método que me pareça eficaz para fazer com que o leitor entenda o que quero dizer quando viro a personagem *O escritor* (esse corpo que escreve) e pergunto: *o que (não) é autoficção*?

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*: o contexto de François Rabelais. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2013.

BAKHTIN, Mikhail. O problema do Conteúdo, do Material e da Forma na Criação Literária. [1924] In: BAKHTIN, Mikhail. *Questões de Literatura e de Estética*: A Teoria do Romance. Trad. Aurora Fornoni Bernardini... [et al]. 7ª ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

DOUBROVSKY, Serge. *Un Amour de soi*. Paris: Hachette, 1990 (1982).

DOUBROVSKY, Serge. O último eu. In: NORONHA, Jovita (Org.). *Ensaios sobre a autoficção*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, p. 11-126.

FAEDRICH, Anna. *Teorias da autoficção*. 1ª ed. [versão eletrônica – epub]. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2022.

GONÇALVES, Jean Carlos. Um assalto em São Luís/MA e outros fatos sobre mim: reflexões bakhtinianas sobre a formação estética do professor. *Revista de Educação, Ciência e Cultura*. Canoas, V. 23, n. 2, 2018. Disponível em: https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Educacao/article/view/4527 Acesso em: 13 jul. 2024

GONÇALVES, Jean Carlos. O corpo que pesquisa corpo [Além do Rio Azul]. Um posfácio. In: GONÇALVES, J.C.; AZEVEDO, S. M.; FERRACINI, R. (Org.). *Corpo e(n)cena*: ensaios urgentes. São Paulo: Hucitec, 2020, p. 2015-226.

GONÇALVES, Jean Carlos. Espectador-running: recepção e comunicação em tempos de isolamento. *Revista da FUNDARTE*, [S. l.], v. 44, n. 44, p. 1–17, 2021. Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/article/view/885 Acesso em: 13 jul. 2024.

GONÇALVES, Jean Carlos; GONÇALVES, Michelle Bocchi. (des)educação estética em Weapon is a part of my body: Corpo e política em discurso. *Urdimento* - Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 1, n. 43, p. 1–20, 2022a. Disponível em: https://revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/21457 Acesso em: 13 jul. 2024.

GONÇALVES, J. C. Discurso teatral, corpo e educação estética: um passeio de bike autoficcionado. *Revista Desenredo*, [S. l.], v. 18, n. 3, 2022b. Disponível em: https://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/13880 Acesso em: 13 jul. 2024.

NORONHA, Jovita (Org.) *Ensaios sobre a autoficção*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

Recebido em: 14/07/2024

Aprovado em: 25/08/2024

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
Programa de Pós-Graduação em Teatro – PPGT
Centro de Arte – CEART
Urdimento – Revista de Estudos em Artes Cênicas
Urdimento.ceart@udesc.br